

# Quando os abutres ganham

Clóvis Rossi

*Folha de S.Paulo, 22/06/2014*

A reportagem da "Economist" sobre a nova (ou eterna?) crise da dívida argentina tem como ilustração um abutre devorando carniça.

Soa como confirmação do nome que o governo argentino dá aos fundos que trabalham com os títulos não-reestruturados da dívida argentina: "fundos abutres".

O que talvez a Argentina não esperasse, embora a presidente Cristina Kirchner diga o contrário, é o estrago que os abutres estão ameaçando fazer numa economia que já não vive exatamente o seu melhor momento.

Tudo, como se sabe, pela decisão de um juiz norte-americano de obrigar o governo argentino a pagar aos abutres (os que compraram os papéis da dívida dos portadores que não aceitaram o desconto proposto na esteira do calote de 2001) juntamente com os juros devidos, no fim do mês, aos que, sim, aceitaram o reescalonamento.

"Esta decisão da Justiça norte-americana significa demolir tudo o que a Argentina avançou na reestruturação de sua dívida", diz, por exemplo, Aldo Ferrer, economista desenvolvimentista.

No ortodoxo "Financial Times", Vivianne Rodrigues vai pelo mesmo caminho: "Os planos da Argentina para fazer as pazes com os mercados financeiros internacionais estavam indo bastante bem. O país acatou, com demora, decisão de Centro Internacional de Acerto de Disputas sobre Investimento, um órgão de arbitragem; compensara uma empresa espanhola, a Repsol, pela expropriação das ações na YPF, firma estatal de petróleo; e, no mês passado, fez um acordo com o Clube de Paris, grupo informal de credores do governo [para pagar a dívida]".

Pode-se aceitar, com certo desconforto, que o juiz não é obrigado a levar em conta o comportamento, bom ou mau, do governo litigante.

Mas o poder que ganhou, no capitalismo contemporâneo, o que os argentinos chamam de "pátria financeira" desequilibra o jogo.

Recapitulemos um pouquinho o contexto amplo do contencioso;

1 - A Argentina não deu o calote por populismo, bolivarianismo ou qualquer outro ismo. Simplesmente não tinha dinheiro para pagar. Se empresas privadas podem reestruturar a sua dívida, em caso de necessidade, sob proteção judicial, por que não podem fazê-lo os governos?

2 - Se os credores de 92% da dívida argentina, pouco mais ou menos, aceitaram o acordo pós-calote, é porque a proposta argentina não era escandalosa. Afinal, detentores de títulos públicos podem praticar muitos atos, mas nenhum deles é de benemerência.

3 - Os credores cobram juros escandalosos de certos países exatamente como, digamos, habeas corpus preventivo, no caso de calote. Quando este ocorre, já recuperaram, via juros extorsivos, o que supostamente perderão com o "default".

É uma lição que aprendi não nos manuais do PSTU ou do La Cámpora, o grupo de sustentação do kirchnerismo. Foi-me ensinada por um certo George Soros, capitalista que sabe ganhar dinheiro com as falhas do sistema que defende, mas cujos problemas reconhece.

É uma pena que abutres não se preocupem com contextos. Só querem carniça.